

# No calor do momento



**HANNAH GRACE**

*Autora de Quebrando o gelo*

Rocce:  
DIGITAL

**HANNAH GRACE**

*No calor do  
momento*

Tradução de Bruna Miranda

**Rocco:**  
DIGITAL

*Para mim, quando era mais nova,  
quando queria ser a primeira opção dele.*

# Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Playlist

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

# Playlist

SPARKS FLY (TAYLOR'S VERSION)   TAYLOR SWIFT	4:20
WILDFIRE   SEAFRET	3:43
MOONLIGHT   ARIANA GRANDE	3:22
ALONE WITH YOU   ALINA BARAZ	3:45
CHRONICALLY CAUTIOUS   BRADEN BALES	1:59
BEST PART (FEAT. H.E.R.)   DANIEL CAESAR	3:29
SWEAT   ZAYN	3:52
NAKED (BONUS TRACK)   ELLA MAI	3:17
LATE NIGHT TALKING   HARRY STYLES	2:57
HARD TO LOVE   BLACKPINK	2:42
PEACE   TAYLOR SWIFT	3:53
YOU   MILEY CYRUS	2:59
NONSENSE   SABRINA CARPENTER	2:43
SLEEPING WITH MY FRIENDS   GAYLE	2:48
PRETTY PLEASE   DUA LIPA	3:14
DID YOU KNOW THAT THERE'S A TUNNEL UNDER OCEAN BLVD   LANA DEL REY	4:44
WHILE WE'RE YOUNG   JHENÉ AIKO	3:56
BIGGEST FAN   MADDIE ZAHM	3:01
THE ONLY EXCEPTION   PARAMORE	4:27



“Amar é queimar, estar em chamas.”

— Marianne Dashwood, *Razão e sensibilidade* (1995)

# Capítulo um

## RUSS

HENRY, DO OUTRO LADO da sala, está com o olhar fixo em mim.

— O seu verão vai ser uma merda.

Ouçõ um eco de resmungos dos meus colegas de equipe; os mais altos vêm de Mattie, Bobby e Kris, todos que me disseram algo semelhante quando me recusei a ir com eles para Miami no verão.

— Que inspirador, Turner — respondo ao meu colega de quarto cético.  
— Você deveria virar coach.

— Você vai se arrepender de não ter me ouvido quando estiver fazendo trabalho braçal e atividades recreativas no treinamento semana que vem. — Henry continua folheando o livreto de Honey Acres, com a testa cada vez mais franzida. — O que é o turno da noite?

— Eu tenho que dormir num quarto ao lado da cabana dos campistas duas vezes por semana, caso eles precisem de alguma coisa — digo casualmente, observando os olhos de Henry se arregalarem, horrorizados. — O restante do tempo eu durmo numa cabana própria.

— Não é pra mim — diz ele, jogando o livreto na mesinha de centro. — Mas boa sorte.

— Poderia ser pior — adiciona Robbie, do outro lado da sala. — Você poderia ter que se mudar para o Canadá esse verão.

Nate solta um grunhido alto, enfiando a cabeça no cabelo da namorada, deitando cada vez mais a poltrona reclinável onde estão sentados.

— Chega de reclamar da porra do Canadá.

— A culpa é toda sua — murmura Tasi, alto o suficiente para todos ouvirem. — Pare de reclamar igual a uma criança. Nate, você quer jogar em Vancouver.

— Eu prefiro me mudar pro Canadá a cuidar de vinte crianças por nove semanas. — A repulsa estampada no semblante de Henry faria qualquer um achar que eu estou indo trabalhar em um matadouro, e não prestes a passar o verão como instrutor em uma colônia de férias. — Você não pensou direito sobre isso, Callaghan.

Eu pensei, sim.

A clientela principal do acampamento Honey Acres são pais ricos e ocupados que precisam manter os filhos entretidos durante o verão inteiro enquanto eles trabalham. Por sorte, o acampamento é supercaro, o que quer dizer que a estrutura de lá é melhor do que a de todas as outras colônias de férias. E, considerando o trabalhão que é ficar de olho em um monte de crianças, o salário é ótimo e eu tenho vários dias de folga: algo que sei que é um luxo e que não acontece nos outros lugares.

Kris e Bobby sugeriram que eu me inscrevesse para trabalhar lá depois de eu ter recusado a oferta de viajar, sob o argumento de que precisava arranjar um trabalho. Eles passaram as férias no Honey Acres uma vez, dez anos atrás, e juraram que é o melhor acampamento de verão da Califórnia, e eu estava disposto a qualquer coisa. A grana tem estado curta desde que a polícia fechou o bar onde eu trabalhava. Infelizmente, a reputação duvidosa do lugar e o fato de servirem bebida para estudantes menores de idade finalmente teve consequências, então ele não deve reabrir.

Apesar de Henry achar que não refleti sobre o assunto, a outra opção é passar os dias em Maple Hills, desempregado e ouvindo minha mãe insistindo para que eu a visite.

A escolha foi fácil.

— O que estou entendendo, Hen, é que você não quer vir comigo — eu provoco.

— Não mesmo, valeu. Mas se você precisar de uma falsa emergência para se mandar, me avise. Eu dou um jeito.

JJ se aproxima de Henry no sofá, cutucando-o com o ombro.

— A única emergência que vai ter nos próximos dois anos, capitão, é se afogar em boc...

— JJ! — grita Tasi, interrompendo-o.

— Para de pensar besteira — ele reclama. — Eu ia dizer bocejos.

Tasi revirou os olhos para ele e mostrou o dedo do meio quando ele soprou um beijo na sua direção. Depois de abaixar a mão, ela voltou a atenção para mim com um sorriso gentil nos lábios.

— Ignora o Henry, você vai se divertir. Mas vamos sentir a sua falta.

— Você nem mora mais aqui — diz Mattie, erguendo uma sobancelha.

— Você nunca morou aqui! — retruca ela, começando uma discussão sobre quem passou mais tempo na casa.

Por mais grato que eu seja por ter arrumado esse trabalho de verão, é foda ter que ir para outro lugar tão pouco tempo depois de vir morar com Henry e Robbie. Sem contar nossos colegas de quarto não oficiais: Mattie, Bobby e Kris, que aparecem magicamente quando alguém fala de comida.

É estranho ter meu próprio quarto depois de dividir o da fraternidade por dois anos e, antes disso, com o meu irmão, Ethan, mas já estou muito mais feliz por estar aqui.

Além dos motivos óbvios, como ter meu próprio espaço e morar com pessoas de quem gosto, é bom não ter que planejar com todo o cuidado quando eu posso bater uma ou, em raras ocasiões, transar. Henry fez a gentileza de me avisar que, depois de seis meses morando ao lado de Nate e Tasi, o quarto não tem isolamento acústico.

— Vocês vão passar a tarde inteira discutindo ou vamos nos arrumar para a festa? — grita Robbie, mais alto do que as provocações entre Tasi e Mattie.

Hoje à noite, vamos dar uma festa para nos despedir do pessoal que vai se formar, ou, como Robbie definiu, uma festa de “Parabéns, e se manda”. Ele vai ficar em Maple Hills para fazer a pós e está feliz em manter seu título de organizador de festas.

Dito isso, ninguém parece muito empolgado em arrumar a casa para receber a multidão que vai chegar em poucas horas. Sei que parece ser o fim de uma era para o pessoal; quatro anos é bastante tempo convivendo todos

os dias com alguém. Para Nate e Robbie, faz ainda mais tempo. Eles nunca moraram em cidades diferentes, que dirá em países diferentes.

Para mim, parece o começo de uma era. Entrei em uma fraternidade no começo da faculdade porque eu queria uma família que não fosse me decepcionar como a minha família de verdade. Achei que meus irmãos de fraternidade estariam ali do meu lado, em dias bons ou ruins, que eu finalmente teria pessoas em quem poderia confiar, mas isso não aconteceu. Tive a sensação de que havia cometido um erro no primeiro ano, mas insisti, pensando que demorava um tempo para gerar o sentimento de união. Tive certeza quando deu toda aquela merda no ringue no começo do ano e as únicas pessoas que ficaram do meu lado foram as que estão nessa sala.

Foi a pior época da minha vida — o que não é pouca coisa —, e eu estava escondendo a minha vergonha. Então, um dia, Henry me perguntou se eu estava bem, e eu disse que sim. Achei que o assunto acabaria ali, mas ele me disse que sabia que eu estava mentindo e que voltaria quando eu estivesse pronto para conversar. Toda semana nós tínhamos a mesma conversa, até que a gente se encontrou nas férias de inverno.

Tentei ir para casa, mas aguentei apenas vinte e quatro horas do meu pai falando merda em seu estado de bêbado pós-cassino e da incapacidade inacreditável da minha mãe de responsabilizá-lo por suas ações antes de decidir voltar para o campus. Henry estava indo para a casa pegar seus materiais de arte e, quando me viu, me perguntou se eu estava bem. Pela primeira vez, respondi que não.

Depois de vários anos sentindo tanta raiva e vergonha do vício em jogo do meu pai que eu não conseguia conversar com ninguém, contei tudo, como se estivesse vomitando as palavras. Nem o treinador Faulkner nem Nate sabiam tanto sobre a minha vida pessoal, mas eu contei absolutamente tudo para Henry.

Ele ficou ali, com uma tela de pintura debaixo do braço, ouvindo.

Quando terminei, sentindo como se tivesse tirado um peso gigante das costas, ele me perguntou se eu queria ir no Kenny's comer umas asinhas de frango e passar um tempo com ele durante as férias. Ele não fez perguntas,

não ofereceu conselhos, não me julgou. Por isso, quando Henry me perguntou se eu queria morar com ele e Robbie, aceitei na hora.

A sala está um caos, como sempre acontece quando todo mundo está reunido, com várias conversas se sobrepondo, uma mais alta do que a outra. As pessoas acham que eu sou tímido porque sou quieto, mas não é verdade. Eu nem me acho quieto, só pareço, porque todo mundo é tão barulhento. Diferente dos meus colegas de equipe, prefiro sentar e ouvir a ser o alvo das atenções de todos. Estar no centro de tudo é muita pressão, muita oportunidade de fazer merda. Fico mais feliz observando, assistindo de longe.

Entro na cozinha, pego uma garrafa d'água na geladeira e mais uma quando percebo alguém se aproximando.

— Está pronto para a sua primeira festa oficial? — diz JJ, pegando a água da minha mão.

Nós nos apoiamos na bancada da cozinha, olhando para a sala de estar.

— Acho que sim. A regra número um é não irritar o Robbie, certo?

JJ dá uma risada que mais parece um ronco enquanto abre a garrafa.

— Esse é o meu passatempo favorito, mas tudo depende de quanto você quer aturar na próxima temporada.

— Acho que prefiro agradar o cara.

— Já está se sentindo em casa aqui? — pergunta ele antes de dar um gole d'água.

Passei muito tempo com JJ nas últimas semanas e descobri que, por trás da personalidade brincalhona, ele é bem fraternal. Depois de ter usado minhas economias para comprar uma caminhonete velha alguns meses atrás, eu me tornei o chefe não oficial de mudanças para todo mundo. Era bom me sentir útil, então não foi um problema até Lola ficar preocupada com a possibilidade de ter suas coisas enviadas por engano para a nova casa de Nate em Vancouver, o que a levou a desenhar um monte de pintos nas caixas que não eram dela ou de Tasi.

JJ e eu passamos a viagem inteira até a casa nova em San Jose com a caminhonete cheia de caixas decoradas, recebendo caretas engraçadas dos outros motoristas. Você aprende muito sobre uma pessoa quando passa dez

horas em um lugar fechado com ela. Ironicamente, JJ brincou que eu praticamente não revelei nada.

— Quase lá — admito. — É muito diferente do que eu estava acostumado.

— Lembra que seu lugar é aqui. Todo mundo te quer por perto, entendeu? — diz ele, baixinho.

Nunca conversei com nenhum dos caras sobre as minhas inseguranças, porém, de alguma forma, JJ sabe que eu mantenho sempre uma distância de todo mundo. Eu o chamei de perspicaz uma vez, e ele disse que é porque é escorpiano. Seja lá o que isso quer dizer.

De qualquer forma, sou grato por isso e, pela primeira vez em muito tempo, me sinto compreendido. É um sentimento estranho porque, na maioria das vezes, nem eu mesmo me entendo.

— Pode deixar — respondo.

Ele me dá um tapa no ombro antes de voltar para o seu lugar na sala. Eu o sigo, devagar, e me joga ao lado de Henry.

Robbie bate palmas uma vez, dando a todos *flashbacks* dos treinos de hóquei quando, ao ouvir isso, nós lhe damos total atenção, que nem um bando de cachorros treinados.

— Parece um miniFaulkner. Credo — resmunga Nate, se ajeitando, desconfortável, no assento.

— Sabia que agora eu me assusto quando ouço aplausos? — comenta Bobby. — Acho que virou uma resposta traumática.

— Eu escuto essas palmas quando estou sozinho — diz Mattie, assentindo em solidariedade.

— Que nada — resmunga Joe. — Isso é o Kris no quarto do lado. Só ele mesmo. Mas a batida é em outra coisa.

Robbie resmunga alguma coisa baixinho quando Kris joga uma almofada do sofá no Joe, que revida e começa o caos.

— Onde estava essa habilidade de defesa quando você jogava hóquei, Joe? — pergunta Henry, pegando-o desprevenido por tempo suficiente para uma das almofadas do Kris acertá-lo na cara.

— Puta merda — resmunga Robbie. — Essa festa não vai acontecer se vocês, palhaços, tiverem uma concussão. Vamos lá, uma última vez.

Um silêncio natural tomou conta da sala enquanto todos ouviam as ordens de Robbie, e então há um momento estranho em que acho que todo mundo percebe que esta seria a última festa que os caras dariam, juntos, na casa.

Estou perdido em pensamentos quando JJ começa a rir e gritar.

— Cinco dólares! Todo mundo me deve cinco dólares!

— O quê?

— Tasi tá chorando! — Ele a abraça e beija a lateral da sua cabeça. — E foi antes de começar a beber. Eu ganhei!

Enxugando as lágrimas com as costas das mãos, ela olha para todos, em choque.

— Vocês apostaram em mim?

Todos pegam as carteiras e começam a tirar o dinheiro. Mattie dá de ombros quando coloca a nota na mão de JJ.

— Tecnicamente, apostamos nas suas lágrimas.

— Inacreditável. Nate, você sab... — Ela se vira para o namorado, que está discretamente tirando dinheiro do bolso. — Você é um babaca! Todos vocês, um monte de babacas!

Nate entrega a nota de cinco dólares para JJ e puxa a namorada para um abraço apertado, beijando sua têmpora.

— Você nem tentou se segurar. Eu poderia ter comprado asinhas de frango pra você com esse dinheiro.

— Inacreditável. É tão triste. Todos vocês vão para lugares diferentes, e está um clima estranho.

— Você se sentiria melhor se eu te dissesse que o Russ não apostou que você choraria hoje?

Seus olhos marejados encontram os meus, e ela sorri.

— Obrigada, benzinho. Você não está na minha lista.

Assinto e deixo Tasi pensar que é porque eu achei que ela não ia chorar — algo que eu sabia que ia acontecer —, e não porque não faço apostas.

— Com licença — Henry interrompe a conversa. — Eu também não apostei.

Henry também sabia que ela ia chorar, mas decidiu não fazer mais apostas em solidariedade. JJ ainda está contando o dinheiro quando Lola chega com sacos de copos vermelhos. Ela olha para todos e faz uma careta.

— Ela chorou, não foi?

— Aham — responde a sala inteira.

— Que merda, Anastasia. — Lola larga os sacos no colo do Robbie, se abaixa para beijá-lo e começa a mexer na bolsa procurando por dinheiro. — Essa é última vez que você vai ver a cor do meu dinheiro, Johal.

— Até eu fracassar jogando hóquei e seguir minha verdadeira paixão na vida — responde JJ. — Virar *stripper*.

— Até isso acontecer.

— Agora que todo mundo já pagou suas dívidas, podemos, por favor, começar com essa palhaçada? — resmungo Robbie.

O silêncio de antes volta, e todos os meus colegas de equipe estão pensando na mesma coisa. Nate pigarreja e assente.

— Uma última vez.

O clima estranho desaparece quando Lola começa a rir do nada.

— Ok, Alexander Hamilton. E eu que sou dramática, nossa. Vocês são um bando de *drama queens*.

## *Capítulo dois*

### **AURORA**

EU NÃO DEVERIA ESTAR aqui agora, mas jogadores de basquete mexem com o meu autocontrole de um jeito que não sei explicar.

Falei que não viria, e Emilia já está me esperando na casa do time de hóquei, então não sei por que deixo o maldito do Ryan Rothwell me convencer a abandonar meus planos e ir encontrar com ele. Por que homens altos e musculosos que sabem como usar as mãos mexem tanto comigo? É um dos grandes mistérios da vida. Um mistério que metade das mulheres de Maple Hills está tentando desvendar, a julgar pela quantidade de gente nessa festa.

Como a maioria dos jogadores do time está se formando, hoje é a última festa deles. Ryan e eu nos despedimos quatro vezes na última semana e, por mais incrível que ele seja, ambos sabemos que não vamos manter contato. Ele tem o Draft da NBA mês que vem e não estou criando expectativa de ser convidada para assistir um jogo na primeira fila tão cedo. Mas isso não me impediu de vir encontrar com ele só porque ele pediu, o que diz mais sobre mim do que sobre Ryan.

Estou quieta, questionando a minha vida inteira e bebendo em um canto tranquilo da cozinha quando alguém que eu gostaria que estivesse indo embora aparece ao meu lado. Meus olhos reviram automaticamente quando Mason Wright abre a boca, mas isso não o impede de me encher o saco.

Ele rouba o drinque da minha mão — algo que ele sabe que odeio — e dá um gole.

— Procurando a sua próxima vítima, Roberts?

Nossa, como eu odeio esse cara.

— Não está na sua hora de ir deitar, Wright?

Ele me olha de cima a baixo antes de abrir um sorriso malicioso que me dá vontade de vomitar.

— Isso é um convite?

Ainda bem que eu não tenho problema de autocontrole quando se trata desse jogador de basquete em específico.

— Um convite para ir se foder e me deixar em paz? Sim.

Ele ri, e a ideia de Mason estar se divertindo com isso me irrita. Não sei de onde esse menino tira tanta confiança, mas deveria dar um curso sobre o assunto. Nunca conheci ninguém, muito menos um calouro, tão arrogante quanto esse moleque.

Quando me devolve meu copo, ele chega mais perto e fala:

— Você sabe que se fazer de difícil me deixa mais excitado ainda, né?

— Não estou brincando, Mason. Você não tem chance comigo.

— E por que não?

— Além do fato de eu te odiar? Porque você é calouro.

— Você é quatro meses mais velha do que eu. — Ele franze o cenho, frustrado, porque imagina o absurdo que é uma mulher não ceder ao seu charme.

— Você. É. Calouro — repito.

Mason nunca acreditaria que uma mulher pudesse não se interessar por ele. Em parte porque é bem gato, mas principalmente porque tem uma autoconfiança absurda. Ele lembra mais um roqueiro genérico do que um jogador de basquete. Alto, cabelo preto, olhos azuis vibrantes e a pele clara cheia de tatuagens nos braços e nas costas. Suspiro e viro o restante da minha bebida.

— Eu não gosto de gente mais nova do que eu.

— Cuidado, princesa. — Ele cobre a boca com a mão enquanto dá risada, e eu respondo com uma careta. — Parece que o papai te traumatizou.

— O único me traumatizando aqui é você. — Eu quero estrangulá-lo, mas conhecendo o Mason, ele iria achar que seriam preliminares. — Mas,

por falar em “papai”, como vai o diretor Skinner?

Por mais arrogante que o meu arqui-inimigo seja, ele tem uma fraqueza: o pai. Ninguém sabe que é filho do diretor de esportes da Maple Hills, e Mason não quer que isso mude, por isso usa o sobrenome da mãe. Alguém diria que nossos problemas paternos em comum fariam a gente se aproximar, mas nós nunca nos demos bem, e uma amizade não vai surgir com o tempo. Posso dizer, com certeza, que eu vou continuar esperando pacientemente pela sua derrota.

— Bom saber que sou tema das conversas pós-sexo entre você e Ryan. — Seu sorriso de sempre vira uma careta de repente, e ele pega a garrafa de bebida mais próxima. — Vou me mudar pro quarto do Ry, ele te contou? Não vou nem mudar o código, assim você pode entrar à vontade.

Esse menino não sabe a hora de parar.

— Que fofo. Mas falando sério, Mason, pode me passar o número do seu pai? Ele é bonitão. — Mentira. — E eu quero entrar no time de basquete.

— Ah, vai se foder, Aurora — resmungo ele, largando a garrafa de volta na bancada e indo em direção ao jardim.

— Cuidado, princesa! — grito para ele. — Parece que o papai te traumatizou.

Braços envolvem a minha cintura por trás e estou pronta para revidar com socos quando ouço uma voz grossa e muito familiar.

— Se você matar ele, eu não vou te tirar da cadeia.

— Ele disse que eu tenho problema com meu pai. — Ryan parece confuso quando me viro em seus braços para encará-lo, sem entender o rumo da conversa, então completo: — Só eu posso falar isso.

Ele assentiu, finalmente a par.

— Entendi. O que você disse para irritá-lo assim?

— Eu pedi o telefone do pai dele para arrumar uma vaga no time de basquete.

— Rory... — Ele arrasta a segunda sílaba e entendo na hora que fiz algo errado. — Você sabe que isso era para ser um segredo. Por trás do jeitão de bad boy, ele é na verdade um cara muito sensível.

Não é culpa minha que Mason tenha um relacionamento complicado com o pai. Isso não faz dele especial, e eu nunca disse a palavra *nepotismo*.

— Se era segredo, por que você me contou?

Ryan se aproxima e beija minha testa de leve.

— Porque eu sei que você odeia ele, e eu queria te pegar.

— Hum. Você ia conseguir de qualquer jeito.

Eu deixaria Ryan Rothwell me pegar quando quisesse. Eu *deixei* Ryan Rothwell me pegar quase todos os dias dessa semana, na verdade. Ele é um cara incrível, motivo pelo qual estou disposta a enfrentar a fúria de Emilia para vê-lo uma última vez.

As minhas expectativas com homens são tão baixas que estão beirando os portões do inferno, mas Ryan é um cara legal, e nossa amizade colorida deixou os últimos meses bem divertidos.

A reputação dele é de ser bom para diversão sem compromisso, e tenho certeza de que ele deveria receber um prêmio da universidade pelos serviços prestados nos últimos quatro anos à felicidade das mulheres.

Ele devia ganhar uma estátua.

Talvez eu peça isso ao pai do Mason.

Seus dedos param embaixo do meu queixo, erguendo minha cabeça e me arrancando do meu devaneio.

— Vou sentir saudades, Roberts.

A resposta fica entalada na minha garganta. Algo como “também vou sentir saudades” ou mesmo um simples “obrigada” seria o suficiente, mas nada sai. Eu odeio que poucas palavras de carinho, um simples gesto de amizade, um sinal de que nosso tempo juntos foi importante para ele, são suficientes para mexer comigo.

Nosso relacionamento sempre foi puramente físico, não que ele não tenha tentado me fazer passar a noite com ele depois de transarmos. Mas ouvir que Ryan vai sentir minha falta me dá uma sensação boa, por mais que ele tenha uma dúzia de outras mulheres para quem dizer o mesmo.

Ele suspira, como se pudesse ouvir meus pensamentos acelerados, e me abraça, enfiando o rosto no meu cabelo.

— Vou ficar com ciúmes do próximo cara que vai poder saber o que se passa na sua cabeça quando você faz essa cara. Chama ele para um jogo para eu poder jogar uma bola na cabeça dele.

— Não acho que nenhum de nós dois precise se preocupar com isso.

Ele ri sem se afastar.

— Eu sou só um pit stop. Sou o cara com quem você transa antes de conhecer o amor da sua vida.

— Estatisticamente falando, isso vai acabar acontecendo se transar com todo mundo.

— Confia em mim, Roberts. Eu devia abrir uma empresa e formalizar as garantias. Você vai ter o seu final feliz.

— Nossa, Ryan. Não me deixa emocionada antes de uma festa do time de hóquei. Eu fico excitada quando fico triste e você sabe.

Ele ri quando nos soltamos e dou um passo para trás.

— Se você disser que fica excitada quando fica triste mais duas vezes, Mason vai aparecer, tipo a Loira do Banheiro.

Reviro os olhos e procuro minha nêmesis, e o encontro irritando alguém do outro lado da sala, longe demais para nos ouvir.

— Você pode levá-lo embora com você? Não consigo lidar com ele sem você por perto.

Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você disse que quer mudar nesse verão. Talvez volte do acampamento e consiga aturá-lo. Vai ter mais experiência lidando com crianças.

— Eu disse que queria me livrar de hábitos tóxicos de autossabotagem. Não que queria deixar de odiar o Mason.

— Talvez você deva trocar alguns desses romances contemporâneos por livros de desenvolvimento pessoal.

Apertei os olhos.

— Você acabou de se formar em Letras e agora acha que está qualificado para dar recomendações de livros?

— Você tem razão, Roberts. Não vou me meter.

O “adeus” está no ar, mas não consigo me forçar a dizer.

— Você vai me dizer depois como foi o Draft, né?

Ryan assente e me beija na testa pela última vez.

— Pode deixar. Não se meta em confusão.

— Quando eu não faço isso?

— Sempre. — Ele ri. — Esse é o problema.

EMILIA VEM AO MEU ENCONTRO assim que eu saio do Uber, com a expressão de raiva que tanto amo.

— Você está atrasada.

É difícil se sentir intimidada quando ela parece tão angelical. Seus cachos castanho-claros estão presos em uma trança em torno da cabeça, e a ponta do nariz e as bochechas ainda estão vermelhas, queimadas de sol, por ter cochilado no quintal ontem. O resto do corpo está branco e pálido, como sempre, então não sei como ela conseguiu queimar apenas o rosto. Algo que não vou comentar agora.

— Ajuda minha situação se eu disser que você está linda?

Não funciona, e eu a perco de vista assim que entramos na casa e passamos pelo que parecem ser recortes de papelão em tamanho real do time de hóquei.

Nós tendemos a não ir a festas como essa, apesar da reputação delas pelo campus, por conta da preferência da Emilia por eventos que acabam antes da meia-noite e minha preferência por basquete. No entanto, ela é amiga de JJ da associação LGBTQIA+, e ele está se mudando para jogar hóquei profissional, então ela prometeu vir se despedir.

É claro que aceitei vir junto, tanto porque sou uma ótima amiga, mas também porque ela prometeu comprar uma pizza vegetariana para mim na volta para casa. Estou um pouco preocupada que o meu atraso vá interferir na disposição dela de me alimentar.

Apesar da confusão de pessoas, é curioso uma casa de jogadores de hóquei parecer tão normal. Nas paredes, há fotos emolduradas de vários caras e duas mulheres; no sofá, almofadas que não parecem estar abrigando uma guerra biológica de germes. Posso estar enganada, mas também parece que os móveis foram espanados.

Aquilo ali é um apoio de copo?

Confusa ao perceber que o chão não está pegajoso e definitivamente com sede, atravesso a multidão e vou para meu lugar favorito de toda festa: a cozinha. A ilha gigante já está coberta de garrafas de bebidas alcóolicas e refrigerantes pela metade. Meus olhos passam pelos armários, tentando adivinhar onde ficam os copos.

Não importa se é uma festa ou não, eu já vi documentários demais sobre o oceano para usar copos de plástico. Eu abro discretamente um armário e vejo apenas copinhos de shot.

Literalmente.

Um armário de cozinha inteiro com nada além de copos de shot.

O próximo armário tem tigelas e, quando estou prestes a descobrir se o terceiro armário é o certo, como Cachinhos Dourados na casa dos ursos, alguém pigarreia.

— Você está roubando alguma coisa?

Eu me afasto da porta do armário, ciente de que meu rosto está da cor de uma placa de Pare, para ver o cara que me pegou no flagra. Tenho um metro e setenta, sem contar os saltos, e ele ainda é bem mais alto que eu. Mesmo assim, não é nem um pouco intimidador. Seus bíceps estão lutando contra as mangas da camiseta preta, a malha esticada sobre o peito largo. Mas seus traços são delicados, e ele tem apenas alguns fiozinhos de barba no queixo; é como se a delicadeza do rosto não combinasse com o resto do corpo. Seu cabelo castanho-claro está penteado para trás e, quando finalmente chego nos olhos azul-safira, eles estão fixos em mim de um jeito confuso e um pouco curioso.

Essa deve ser a forma mais estranha que já conheci um cara gato.

Eu abro meu sorriso mais inocente.

— É roubo se o objeto não sair do recinto?

— Uau, eu sabia que devia ter estudado Direito. — Os cantos dos seus lábios se erguem e covinhas aparecem quando ele tenta segurar uma risada.

— Acho que roubo é pegar algo que não é seu.

— E se o dono nunca ficar sabendo?

— Bom, se o dono nunca ficar sabendo, então com certeza é negligência da parte dele — diz ele, erguendo a mão para massagear a nuca. Eu tento

olhar para o rosto dele, e não para os braços, mas sou fraca. — O que você está procurando?

Ele se aproxima de mim, e um aroma forte de sândalo e baunilha me atinge. Ele empurra devagar a porta que eu ainda estou segurando até ela fechar.

O que eu estou procurando mesmo?

— Copos.

— Só temos copos de plástico, desculpa.

— Você sabe a quantidade de plástico que vai parar no oceano? Ninguém que mora aqui vai saber.

Essa é a conversa mais longa que já tive sobre copos. É possível que seja a conversa sobre copos mais longa que qualquer pessoa no mundo já teve, mas estou tentando pensar em outros itens de cozinha que posso mencionar para continuar aqui.

— Então esse crime é pelo bem dos tubarões?

— Bom, não só pelos tubarões. Peixes, tartarugas e baleias também

Ele fecha os olhos para segurar um sorriso, balançando a cabeça.

— Talvez um polvo ou outro. Minha bondade não faz distinção — completo.

Ao abrir os olhos de novo, sua mão repousa no armário por alguns segundos antes de ele passar por mim, ir em direção ao armário número seis e abri-lo, revelando vários copos de tipos diferentes.

— Não jogue em ninguém ou nós dois vamos nos dar mal.

Ficando na ponta dos pés, pego um copo com o emblema de Maple Hills para mim e outro para Emilia. O dela diz: “Meus amigos foram para a Parada do Orgulho de Los Angeles e tudo que ganhei foi esse copo.”

— Você achou isso aqui bem rápido. Já roubou alguma coisa dessa casa antes?

Pare de falar, Aurora.

Eu coloco os copos na bancada, pego a garrafa de bebida mais próxima e sirvo o que estou chamando de drinques da vitória. O estranho simpático ri, abre uma garrafa de refrigerante e a empurra para mim. Ele espera até eu estar prestes a servir para me responder.

— Não, eu moro aqui.

Merda. Suas palavras me pegam de surpresa e erro o copo, cobrindo a bancada com o líquido gasoso e grudento. Merda de novo.

— Desculpa, desculpa, desculpa!

Antes que eu consiga reagir, ele já está limpando minha bagunça com um pano de prato.

— Sinto m...

— Não se preocupa — diz ele com um tom gentil. — É só refrigerante. Fica ali do lado para não se molhar.

Faço o que ele mandou e o observo pegar um desinfetante para limpar a bancada em meio às pessoas bêbadas e distraídas tentando preparar seus drinques. Quando termina, ele pega a garrafa de refrigerante, enche os dois copos com cuidado e os entrega para mim.

— Então é você quem tira a poeira — murmuro.

— O quê?

— Nada. Obrigada... e mais uma vez, desculpa.

Ele se apoia na bancada.

— Desculpa por quebrar a regra de não mexer nos nossos armários ou por destruir a cozinha?

Cruzando os braços, aperto os lábios numa expressão brincalhona.

— Eu não vi nenhum aviso.

Dessa vez, ele ri de verdade. Uma risada que vem do fundo do peito e parece genuína. Reparo no jeito como ele olha para mim, discretamente me avaliando dos pés à cabeça. A atenção desperta meu corpo e na mesma hora me faz querer mais.

— Você não me parece ser o tipo de mulher que presta atenção em avisos mesmo.

— E por que não? — É uma pergunta capciosa. Eu sei disso. Ele sabe disso. Os rapazes, que eu presumo serem colegas de equipe dele, que estão por perto tentando ouvir a conversa, sabem disso. — Responda com cuidado. Temos plateia.

Ele franze o cenho quando se vira para olhar para trás, e, quando volta a me olhar, as pontas das orelhas estão rosadas. Nossos espectadores se

dispersam, mas foi o bastante para acabar com a confiança do cara. Sua timidez repentina é fofa. Estou acostumada a caras flertando comigo, mas acho que nunca vi alguém ficar vermelho na minha frente. Quero saber qual foi a sua primeira impressão a meu respeito. Quero que continue me olhando como trinta segundos atrás. Quero matar os amigos dele (só de leve).

Estou prestes a ser direta e perguntar o nome dele quando sinto alguém encostar a mão quente no meu braço, e Emília aparece.

— Estou morrendo de sede. — Ela olha para o sr. Prestativo e para mim, e sorri. — Oi, eu sou a Emilia.

Ele acena com a cabeça.

— Oi, prazer. Sou o Russ.

— Você é o Russ do Jaiden? — pergunta ela, pegando sua bebida e revirando os olhos para mim quando vê o que está escrito no copo.

Ele fica meio envergonhado quando entende o que Emilia disse. *Como consegue ser tão fofo?*

— Hum, sou. Acho que sim. O JJ não conhece mais ninguém chamado Russ, que eu saiba.

Quando ele esfrega a nuca de novo, a barra da camiseta revela um filete de pele bronzeada e meu cérebro tarado entra em pane por um segundo.

— Meu nome é Aurora — digo de um jeito quase agressivo.

Emilia se vira para mim, e seu semblante demonstra um misto de perplexidade e vergonha alheia. Eu decido ignorá-la e beber meu drinque, deixando o ardor da vodca aliviar a dor da humilhação. Quando abaixo o copo e consigo ver Russ de novo, percebo que os olhos dele estão fixos em mim.

As covinhas dele estão de volta.

Emilia pigarreia, e eu me forço a olhar para ela. Minha amiga está me encarando com a expressão de quem com certeza vai implicar comigo por causa disso daqui a pouco.

— Vim avisar que um jogo de Jenga bêbado vai começar no escritório, se quiser jogar.

— Jenga bêbado?

— Eles colocam desafios em alguns blocos — explica Russ. — Robbie e JJ gostam de deixar o jogo mais interessante.

Emilia faz um muxoxo.

— Eu sabia que ele estaria metido nisso. Sabe-se lá que desafios são esses. Rory, te vejo lá?

Assinto, e ela some de novo, me deixando com meu novo amigo.

— E esses desafios são interessantes, é?

Os cantos dos lábios dele se erguem de novo, e, meu Deus, não há motivo para eu querer beijar alguém só pelo sorriso, mas o jeito como ele oscila entre confiança e insegurança está mexendo comigo.

Russ dá um longo gole na sua cerveja enquanto pensa no que responder, e eu espero. Eu deveria ter mais vergonha de ficar esperando pela resposta de um homem, mas esse aqui é bonito e um pouco curioso, e essas questões parecem um problema para a minha futura terapeuta.

— Por que você não vem comigo e descobre?

## Capítulo três

### RUSS

— POR QUE VOCÊ não vem comigo e descobre?

Parecia bom na minha cabeça, mas agora que eu disse em voz alta, não consigo controlar a vergonha que sinto. Essa mulher é bonita demais para estar falando comigo e não faço ideia de como vim parar aqui.

JJ me pegou a vendo bisbilhotar a cozinha e me deu um discurso motivacional sobre “ser um sucesso com as mulheres” que merecia um Oscar. Isso foi pouco antes de ele me empurrar na direção dela com instruções de lhe oferecer uma bebida.

Apesar de não ser *totalmente* inútil falando com mulheres, estou longe de ser o melhor nisso, como pode-se notar pelo fato da minha primeira conversa com a desconhecida gata ter sido sobre roubo. Geralmente preciso de um tempo para relaxar e ficar confortável, o que não funciona bem em festas de faculdade. Álcool às vezes preenche esse vazio até eu conseguir pedir o telefone de alguém, mas eu não bebo com frequência, por isso estou sempre solteiro.

Apesar de estar um pouco alto por causa do álcool, a Aurora é bonita para caralho, e essa é a desculpa que uso para o meu cérebro estar com tanta dificuldade para pensar em um bom assunto. Eu nem conseguia ver o rosto dela quando me aproximei, só as pernas longas e as curvas cobertas por uma minissaia e uma blusinha. Depois, a cabeça dela saiu de trás da porta do armário, e as ondas loiras que moldavam seu rosto, as bochechas rosadas, os olhos verde-esmeralda com um olhar inocente se viraram na minha direção,

como se alguém a tivesse pegado no flagra. Enfim, ela sorriu, algo que deve ter feito um milhão de vezes, mas me esqueci da minha falta de habilidade de falar com mulheres. Esqueci tudo.

Prometi a mim mesmo que puxaria assunto se achasse alguma garota bonita e, tecnicamente, estou fazendo isso, mesmo que ela esteja prestes a me rejeitar educadamente. Estou me esforçando para canalizar a confiança artificial que a cerveja me deu e não derreter sob seu olhar curioso enquanto ela considera minha proposta.

Ela estica a mão para mim, e eu preciso me controlar para não fazer uma cara de espanto.

— Pode ir na frente.

Entrelaçando os dedos nos dela, nos guio até o escritório, repetindo na minha cabeça “vai dar certo” e “você é um jogador de hóquei bonito” e “a única pessoa que sabe que você não é confiante é você mesmo”, como o JJ me disse para fazer.

Eu não esperava que seu conselho fosse funcionar, mas ele parece zero surpreso ao me ver de mãos dadas com Aurora quando me aproximo da torre de Jenga. Na verdade, ele parece meio convencido. Eu me mantenho próximo, tomando cuidado para que bêbados não esbarrem nela, até chegarmos no grupo ao redor da mesa de jantar.

— Pronta? — digo, incerto se estou falando comigo mesmo ou com ela.

Ela olha para mim com um olhar gentil e aperta de leve a minha mão.

— O que pode dar errado em um jogo de Jenga?

— Meu amigo Joe está indo estudar Direito em Yale e perguntaram para ele o que é considerado crime na Califórnia.

Joe nem pareceu surpreso. Depois de ler uma lista no celular, Robbie e JJ não deixaram mais ninguém ver o que estava escrito nos blocos, rindo como se tivessem doze anos.

— Não existe exemplo melhor de espírito estudantil do que pagar a fiança de alguém. Tenho certeza de que nós dois já fizemos pior do que isso. Vem.

Ela não solta a minha mão quando atravessa a multidão de cabeça erguida, os cabelos dançando sobre os ombros nus a cada passo. Não sei

como fui de guia para seguidor, mas eu a acompanho até o espaço vago entre Tasi e Emilia.

Tasi acena empolgada quando me vê e dá tapinhas na mesa ao seu lado.

— Guardei um lugar para você, benzinho.

É óbvio que ela já está bêbada, porque bateu na mesa com tanta força que fez os blocos de Jenga e copos tremerem.

— Tá bem, Godzilla — retruca Lola do outro lado da mesa. — Vamos tentar não derrubar a torre antes de todo mundo estar pelado. Eu, hein.

Tasi solta um “opa” sem som e me dá um sorriso bêbado enquanto se aninha ao lado do Nate. Seus olhos param na minha mão segurando a de Aurora, e ela abre a boca em choque antes de erguer o polegar para mim.

Como vou fingir ser confiante com mulheres sob essas condições?

— Benzinho? — pergunta Aurora quando achamos um espaço entre nossos amigos, então ela me solta para procurar o celular na bolsa.

Quero ocupar as mãos com algo em vez de ficar ali, parado e constrangido, mas mexer no celular é a coisa que menos gosto de fazer, então enfio as mãos nos bolsos da calça. Observo Aurora rolar as notificações e bufar discretamente antes de guardar o celular de volta na bolsa e olhar para mim.

— É uma história muito, muito longa.

Parece que faz anos desde o meu relacionamento falso com Tasi, que só durou cerca de uma hora, e não sei se conseguiria explicar a relação estranha e ao mesmo tempo fofa que temos agora. Mesmo quando ela diz que a minha dificuldade de me comunicar lhe dá dor de cabeça.

Diga uma coisa interessante, Callaghan.

Aurora não fala nada depois da minha resposta vaga e se vira para conversar com Emilia, sentada do outro lado. Solto um suspiro e volto a atenção para meus amigos. Os caras estão enchendo Robbie de perguntas, e percebo que ele fica cada vez mais irritado.

— Cadê o Hen? — pergunta Robbie, vasculhando o time inteiro. — Essa porra toda foi ideia dele.

— Estou aqui! — grita Henry, abrindo caminho entre as pessoas, seguido por uma mulher com os cabelos bagunçados. — Desculpa, cheguei.

Se isso fosse um treino de hóquei e o Henry chegasse atrasado porque estava transando, Robbie teria acabado com a raça dele. Robbie leva festas tão a sério quanto hóquei, mas depois de ter sido comparado com Faulkner o dia todo, está tentando desesperadamente mostrar que não é tão rígido quanto o treinador.

Becky, a ficante mais recente do Henry, sussurra algo no ouvido dele, beija sua bochecha e some no meio da festa. O sorriso de Henry deixa Robbie ainda mais irritado, o que é ótimo para todos os jogadores que estão fazendo uma contagem regressiva mental de quando ele vai explodir.

Quando Robbie para de encarar todos ao redor e levanta os braços, como se fosse bater palma, todos prendem a respiração, mas um braço volta para o seu colo e o outro abraça a cintura da Lola.

— Bele...

— Posso ir ao banheiro antes? — pergunta Kris.

— Não pode, porra nenhuma. — Robbie não consegue mais se conter. — Fica parado na porra do teu lugar e escuta as regras do jogo antes que eu perca a paciência, caralho!

Uma onda de suspiros começa quando todos, menos eu e Henry, pegam suas carteiras e colocam dinheiro na mão aberta do Kris. Robbie espera com os braços cruzados no peito e, quando todo o dinheiro é entregue, ele volta a falar:

— A próxima pessoa a me irritar fica de fora da próxima temporada. — Todos esperam em silêncio, mordendo o lábio para não rir. — Você puxa um bloco: se não tiver nada escrito nele, você pode colocá-lo no topo da torre e é a vez de outra pessoa.

— Então é igual Jenga normal — JJ diz com uma risada.

Robbie o ignora, provavelmente porque não pode mais impedir JJ de ser escalado.

— Se pegar um desafio, ou você cumpre, ou faz o castigo escrito no verso, ou bebe dois shots. Para ser justo, se você não for um jogador de hóquei de cem quilos, pode ser um shot só. Quem derrubar a torre tem que correr pelado na Avenida Maple. Lola, você começa.

— Espera — Joe interrompe. — Por que tomar shots se já tem o castigo no verso dos blocos?

Robbie o encara com um olhar que me dá calafrios.

— Porque eu faço as regras aqui e eu quero que tenha shots e castigos.

O jogo começa, e, como tudo que os Titans fazem, é um caos. Mattie precisa enviar a última foto do rolo da câmera no grupo da família — ele não nos diz o que é, mas precisa se afastar por alguns minutos para atender uma ligação da avó. Henry e Bobby têm que trocar de roupa entre si. Quando Joe puxa um bloco que diz “dê sua roupa de baixo para a pessoa à sua frente”, a amiga da Aurora, Emilia, briga com Kris dizendo que definitivamente a pessoa que está na frente do Joe é ele, não ela. Quando o jogo chega do nosso lado da mesa, Kris está usando a cueca do Joe por cima das roupas e ele toma dois shots em vez de beijar Emilia, que tem namorada e ameaça socá-lo se ele chegar perto. Emilia tira um bloco sem nada, e em seguida Aurora faz o mesmo. É difícil não perceber a decepção.

Fico tão distraído com ela fazendo beicinho que mal escuto um dos caras falar:

— Vai logo, benzinho.

Empurro um bloco central com cuidado.

*MOSTRE A ÚLTIMA MENSAGEM QUE VOCÊ RECEBEU  
PARA A PESSOA AO SEU LADO*

Minhas mãos começam a suar e tento não derrubar o bloco quando o viro, porque tenho certeza de que a penalidade não pode ser pior do que o desafio.

*ENVIE UMA MENSAGEM PARA FAULKNER ESCRITO “EU TE AMO”*

Errei.

As pessoas me perguntam o que diz, mas minha mente está tentando pensar em como sair dessa sem ter que explicar o motivo. Além de não querer ficar em maus lençóis com o treinador de novo, a última mensagem

que recebi foi do meu pai me pedindo dinheiro. Sinto o estômago revirar ao pensar em como ele consegue se intrometer em qualquer situação e estragar tudo. Nem li a mensagem inteira antes de fechar a conversa; é sempre a mesma desculpa de merda.

*Vou te devolver o dinheiro. Em dobro. Eu conheço um cara que conhece o treinador dos cavalos e a corrida é comprada.*

Ou depois que ele bebeu: *Tudo que você tem é graças a mim. Você deu as costas para a sua família. Se não ajuda nem quem é do seu sangue, não é filho meu. Acha que é melhor do que a gente porque estuda nessa faculdade metida a besta, mas vai estragar tudo.*

Impaciente por uma resposta, Tasi puxa o bloco da minha mão e lê em voz alta para o grupo, que começa a rir. Eu riria também, se a mensagem fosse de qualquer outra pessoa. Pego um shot em cada mão e viro um atrás do outro.

— Nossa, você realmente não queria que eu visse seus nudes — comenta Aurora quando limpo a boca com as costas da mão. — Brincadeira, não precisa levar isso tão a sério. É legal da sua parte.

— Legal?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Não ser do tipo que expõe sua vida pessoal. Ser reservado é legal.

Reservado. Algo que eu faço bem. Que pena que seja por outros motivos.

O jogo continua, mais shots são tomados, desafios são feitos, insultos são ditos para Robbie e JJ. Para não ter que beijar a pessoa à sua esquerda (Robbie), Nate acaba tendo que transferir dinheiro para a irmã. Bobby manda uma mensagem para Faulkner dizendo “saudades”, Henry vira uma lata inteira de cerveja, e eu fico sem camisa por não beijar a pessoa ruiva mais próxima, que seria Lola. Beijar a namorada do meu colega de quarto e treinador não parece ser um bom jeito de facilitar a minha vida acadêmica.

Emilia se aproxima da torre, que está bem mais instável agora. Ela sorri quando lê o bloco.

— “Escolha duas pessoas para se beijarem.” Vocês são um bando de moleques — murmura ela. — Bom, já que são as únicas pessoas que eu conheço... Acho que... vou ter que escolher Aurora e Russ.

— E eu sou o quê, um fantasma? — grita JJ do outro lado da mesa, jogando os braços para o alto de um jeito dramático. — Pelo visto, nossa amizade é uma piada para você.

Eu ouço Emilia falar algo, mas não entendo o que é porque sinto Aurora olhando para mim. Nossa, como ela é linda.

*A única pessoa que sabe que você não é confiante é você mesmo.*

Suas bochechas estão mais rosadas do que antes, os olhos brilhantes.

— Você está sóbria o suficiente para concordar com isso?

Ela assente, sorrindo.

— E você?

Eu deslizo a mão por baixo do cabelo dela para segurar sua nuca, passando o polegar pela mandíbula, a pulsação vibrando sob a minha palma.

— Aham.

Ela fica na ponta dos pés enquanto minha cabeça se inclina, suas mãos se fecham ao redor da minha nuca e nossas bocas se encontram. Primeiro, de leve, hesitante, até ela gemer baixinho, e, por um momento, esqueço que temos um público ao nosso redor.

Mas o público não esquece de nós, e, quando puxo o corpo dela para mim, todo mundo grita, nos tirando do transe. Ela dá um passo para trás, leva a mão aos lábios ao se virar para Emilia e murmura algo que a faz sorrir.

Fingir até alcançar.

O jogo continua, e, após uma sequência de blocos vazios, todos começam a se questionar se Robbie e JJ desistiram de escrever desafios, o que parece ofender os dois profundamente. Aurora puxa outro bloco vazio e a mesa inteira solta um grunhido, decepcionada.

— Essa torre está mais firme do que eu — resmunga Aurora, colocando o retângulo no topo da estrutura vacilante.

Eu tiro meu bloco e imediatamente reconheço a letra de Robbie na madeira.

*MUDE O SENTIDO*

— “Mude o sentido”? — Leio em voz alta. — Não entendi.

— Quer dizer que é minha vez de novo — diz Aurora ao meu lado, e Robbie assente.

Ela pega um bloco que, pensando como engenheiro, deve ser um dos piores que ela poderia ter tirado para manter a torre em pé. Nessa hora, penso que talvez ela queira fazer a torre cair, mas o pensamento é interrompido quando ela começa a rir. E caralho, que risada incrível.

Aurora vira o bloco para o resto do grupo.

*FAÇA UMA LAP DANCE NO JOGADOR DE HÓQUEI  
MAIS PRÓXIMO POR DOIS MINUTOS*

— Eu que escrevi essa! — grita Lola, orgulhosa. — De nada, benzinho.

Se olhares pudessem matar, eu já estaria enterrado. Todo mundo do time está me encarando com pura inveja depois de observar a Aurora por tanto tempo. Tive que fingir um pigarro bem alto para eles se tocarem.

Merda. Vou ficar de pau duro na frente de todos os meus amigos.

Bobby sai correndo para pegar uma das cadeiras que guardamos mais cedo enquanto Anastasia pergunta qual música Aurora vai escolher. Eu sei que não é tão importante assim, mas no fundo parece ser. Tenho quase certeza de que meu rosto está vermelho que nem um pimentão. Como é que vou conseguir fingir confiança numa hora dessas?

Eu me abaixo para falar no ouvido dela de um jeito que mais ninguém consiga ouvir:

— Você não precisa fazer isso. Não deixe o pessoal te pressionar.

— É só uma dancinha — retruca ela, apertando de leve meu braço. — Mas obrigada. Se você não estiver de boa com isso, eu bebo.

— Eu estou de boa.

Eu estou de boa pra cacete.

— Tem alguma coisa que não quer que eu faça?

— Você pode fazer o que quiser.

O fato de eu estar sem camisa me dá a sensação de que isso é mais íntimo do que deveria. Ainda bem que tem uma sala cheia de pessoas me

encarando enquanto fico sentado na cadeira da sala de jantar para fazer essa sensação sumir.

Bom saber que isso vai ser a primeira coisa em que eu vou pensar na próxima vez que me sentar para comer.

Aurora pega dois shots e vira a bebida.

— Não estou desistindo — explica, rapidamente. — É para me dar coragem.

Sinto que eu é que preciso de coragem, e tudo que tenho que fazer é ficar sentado e deixar essa mulher — uma praia inteira pro meu caminhãozinho de brinquedo — dançar no meu colo. A música muda do pop animado que estava tocando para “Sweat”, do Zayn, e Lola inicia o timer no celular.

É fácil esquecer o resto da sala quando Aurora se aproxima, sorrindo ao se posicionar atrás de mim. As mãos dela começam nos meus ombros e descem pelo peito e abdome, e ela se abaixa até ficar com a cabeça ao lado da minha. Dá um beijo de leve na minha bochecha e ri, e é nessa hora que sei que esta vai ser a melhor tortura do mundo.

Ela se move na minha frente, balançando os quadris no ritmo da música. Empurra de leve meus joelhos para separá-los, se coloca entre eles e se agacha no meu colo.

Trinta segundos com a Aurora esfregando a bunda no meu pau passam voando. As costas dela estão tocando meu peito nu, e o aroma de pêssego toma conta do meu nariz quando ela balança o cabelo. Começo a recitar mentalmente uma lista de ex-presidentes, mas não adianta. Os quadris dela mudam o ritmo e seu corpo vibra quando ela ri, olhando para trás na minha direção. É, com certeza ela consegue sentir meu pau duro na bunda dela.

Os nós dos meus dedos estão brancos de tanto apertar a cadeira; pelo visto, nem preciso tocá-la. Ela se levanta, e mal tenho tempo de entrar em pânico por todo mundo conseguir ver minha ereção, porque Aurora se vira e monta em mim.

Isso é pior. Muito, muito pior.

Pior de um jeito bom, no caso. Já que ela é incrivelmente gostosa e agora eu consigo ver seu rosto enquanto ela se esfrega em mim, parecendo muito orgulhosa de si mesma.

— Você pode encostar em mim — sussurra ela, com um olhar intenso.  
George Washington, John Adams, Thomas Jefferson...

Seguro sua cintura enquanto ela se move, meus polegares acariciando a pele exposta entre a saia e a blusa. As mãos dela se afundam no meu cabelo, os seios encontram o meu peito quando aproxima o rosto.

Em seguida, o alarme toca e, pela primeira vez na vida, quero matar alguém.

O clima acaba, e ambos percebemos ao mesmo tempo que não estamos sozinhos. Ela se afasta, respira fundo e, ainda bem, JJ sugere que todo mundo faça uma pausa para pegar mais bebidas e usar o banheiro. Ele me lança um aceno de cabeça quando a sala esvazia.

Minhas mãos ainda estão na cintura de Aurora, seus olhos ainda estão fixos nos meus, e tem algo escondido ali, algo incerto. Como se ela estivesse esperando alguma coisa, mas não sei o que é.

— Hum, bom trabalho.

Estava na cara que ela esperava algum tipo de elogio porque seu sorriso aumenta quando ela começa a se levantar, mas eu a seguro firme no colo.

— Me dá só um segundo?

Ela morde o lábio com força, segurando um sorriso, assentindo.

— Claro.

James Madison, James Monroe, John Quincy Adams...

## *Capítulo quatro*

### **AURORA**

MONTAR EM UM JOGADOR de hóquei não é o tipo de comportamento de uma mulher que está tentando colocar a vida em ordem.

Para ser sincera, não imaginei que sentaria na ereção de um estranho hoje. Bom, talvez, mas achei que seria sem roupas e sem ninguém assistindo. Assim que pisei naquela casa, esqueci completamente dos meus planos de desenvolvimento pessoal para o verão, e a falta de compromisso com a causa é exatamente o motivo pelo qual preciso passar um tempo longe de Maple Hills.

Eu não deveria ficar tão feliz por fazer um bom trabalho, mas fazer o quê? Sou o tipo de garota que aprecia feedback. Mais do que tudo, eu precisava de uma garantia de que não tinha passado vergonha na frente de quase todo o time de hóquei. Não é a primeira vez que faço uma lap dance, mas é a primeira vez que faço isso com alguém que agora não consegue mais me encarar. Se não posso olhar pro rosto dele, tenho que olhar para o corpo, e o homem é puro músculo.

— Você não vai pegar fogo se olhar para mim, sabia? — digo com calma, mas meio insegura. Sinto como se o tempo passasse mais devagar nesta casa e, mesmo não sendo nada de mais duas pessoas estarem tão próximas, em um canto escuro, em uma festa de faculdade, um minuto parece ter durado uma eternidade. Sinto sua respiração lenta sob as minhas mãos, a pele quente.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "No Calor do Momento"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).